

1 de outubro de 2021

Caros Pais e Encarregados de Educação,

Estamos a escrever-lhes para solicitar o vosso apoio. Terão visto muita cobertura mediática nos últimos meses, envolvendo incidentes de violência contra mulheres e raparigas. Tem havido relatos angustiantes e imagens de Sarah Everard, uma executiva de marketing, que foi algemada, raptada, violada e assassinada a caminho de casa e também da professora Sabina Nessa que foi atacada, agredida e assassinada no seu caminho para tomar uma bebida com amigos numa noite muito recentemente. Embora este holofote seja útil para realçar as questões que as mulheres e raparigas enfrentam todos os dias e para suscitar discussões e ações, é também uma acusação deprimente da sociedade em que vivemos, que os avanços nos direitos humanos não levaram a uma redução da violência contra as mulheres e raparigas, nem a uma apreciação genuína e sincera da igualdade de direitos das mulheres e raparigas, da sua contribuição para a sociedade e do seu direito de coexistência com os homólogos masculinos como indivíduos de igual valor e valor.

Talvez queiram saber o que as nossas escolas estão a fazer para enfrentar estas questões. Através de reuniões pessoais, sociais, de saúde e económicas (PSHE), assembleias e tempo de discussão nas aulas, educamos os nossos filhos sobre relações positivas, saudáveis e respeitadas, o que é um comportamento respeitoso, consentimento, papéis de género, estereótipos, igualdade, confiança e autoestima corporal, comportamento preconceituoso e que a violência e o assédio estão sempre errados. Com crianças mais velhas, isto incluirá a violência e o assédio que é sexual.

Para destacar a dimensão da questão incluímos, como anexo a esta carta, excertos de uma recente revisão do OFSTED sobre o abuso sexual nas escolas e colégios. Isto encontra-se no final da nossa carta e exortamo-los a lê-la para que possa compreender a dimensão e o impacto destas questões do ponto de vista dos jovens, especialmente das raparigas. Para além desse excerto, eis o que o OFSTED teve a dizer sobre as limitações das ações das escolas:

"As escolas e os colégios não podem enfrentar sozinhos o assédio sexual e a violência sexual, incluindo em linha, e também não deveriam fazê-lo. Por exemplo, a prevalência de crianças e jovens vendo material explícito que não querem ver e sendo pressionados a enviar "nus" é um problema muito mais vasto do que as escolas podem resolver. Embora possam desempenhar o seu papel, não é apenas da sua responsabilidade resolvê-lo".

Por isso, hoje pedimos o vosso apoio e que se sentem com os vossos próprios familiares, quando apropriado, e se empenhem na discussão e no diálogo sobre os seguintes assuntos:

- **Brincadeira:** a forma como a "brincadeira" pode levar à banalização ou normalização do abuso sexual e da violência contra as mulheres e a importância de confrontar a "brincadeira" pelo que é; a sexualização das mulheres para a satisfação pessoal dos outros.
- **Culpar a vítima:** a ideia de que alguém "merece" por causa do que estava a usar ou onde e quando estava num lugar. Ninguém merece ser degradado.
- **Envergonhar as vítimas:** a utilização de termos depreciativos sobre alguém, geralmente uma rapariga, se se envolveu em atividade sexual com um homem ou enviando fotos

nuas, mesmo que possam ter sido coagidos, pressionados, intimidados, forçados ou enganados.

- **Mulheres como objetos:** dar marcas em dez, assobiar a meninas, fazer comentários sexualizados são todos exemplos de como as mulheres são vistas como objetos e não como seres humanos.

Como pais como você, tudo o que sempre quisemos foi o melhor para os nossos filhos, quer seja na sua qualidade de vida, na sua educação ou nas suas próprias amizades e relações. Independentemente de serem rapazes ou raparigas, é direito de todas as crianças crescerem a experimentar:

- alegria e paz nas suas vidas,
- ter esperança num futuro de fabrico próprio, com base nos seus próprios interesses,
- experienciar a justiça em todos os aspetos das suas vidas e das pessoas à sua volta,
- acreditar na verdade, justiça e igualdade para todos,
- uma profunda fé na sua capacidade de usar os seus talentos para ser uma força para o bem neste mundo.

Estamos a trabalhar em colaboração com escolas de Liverpool para fazer mudanças na forma como as mulheres e as raparigas são vistas na sociedade e esperamos que se juntem a nós e façam o mesmo. Reconhecemos também que existem muitos modelos a seguir nas nossas escolas, homens e mulheres, mas precisamos que todas as pessoas tratem as mulheres e as raparigas com respeito. Por favor, falem sobre isso no seio da vossa rede familiar e sobre como podemos, juntos, provocar mudanças duradouras na nossa sociedade para que a violência contra as mulheres e raparigas termine, a igualdade para todos seja alcançada e a justiça prevaleça sobre aqueles indivíduos que pretendem violar os direitos humanos dos outros.

Atenciosamente,

Apêndice

O organismo de inspeção escolar OFSTED publicou os resultados de uma recente análise do abuso sexual nas escolas e colégios. Todos estes eram cenários educativos mistos, no entanto, os resultados são muito difíceis. Pedimos-lhe que dedique alguns minutos à leitura dos seguintes curtos excertos do relatório e que depois dedique algum tempo a digerir a informação e a encontrar algumas formas de ajudar a escola a resolver estas questões, quer elas estejam a acontecer em linha, fora ou dentro da escola.

Excerto da revisão do OFSTED:

A revisão revelou como o assédio e o abuso sexual em linha são prevaletentes para crianças e jovens. É preocupante que, para algumas crianças, os incidentes sejam tão comuns que não veem qualquer utilidade em denunciá-los. Verificou que a questão é tão generalizada que precisa de ser abordada para todas as crianças e jovens. Recomenda que escolas, colégios e parceiros multidisciplinares atuem como se o assédio e o abuso sexual em linha estivessem a acontecer, mesmo quando não existem denúncias específicas. Nas nossas visitas, as raparigas

disseram-nos que o assédio e o abuso sexual em linha, como o envio de material sexual explícito não solicitado e a pressão para enviar fotografias nuas ("nus"), são muito mais prevalentes do que os adultos imaginam. Por exemplo, quase 90% das raparigas, e quase 50% dos rapazes, disseram que o envio de fotos ou vídeos explícitos de coisas que não queriam ver acontece muito ou por vezes a elas ou aos seus pares. As crianças e os jovens disseram-nos que o assédio sexual ocorre tão frequentemente que se tornou "comum". Por exemplo, 92% das raparigas, e 74% dos rapazes, disseram que o assédio sexual acontece muito ou por vezes a elas ou aos seus pares. A frequência destes comportamentos sexuais nocivos significa que algumas crianças e jovens os consideram normais. Quando perguntamos às crianças e aos jovens onde ocorreu a violência sexual, tipicamente falavam de espaços não supervisionados fora da escola, tais como festas ou parques sem a presença de adultos, embora algumas raparigas nos tenham dito que também sofreram toques indesejados nos corredores das escolas. Crianças e jovens, especialmente raparigas, disseram-nos que não querem falar de abuso sexual por várias razões, mesmo onde a sua escola as encoraja a fazê-lo. Por exemplo, o risco de serem ostracizadas pelos seus pares ou de colocarem os seus pares em apuros não é considerado como valendo a pena por algo que as crianças e os jovens entendem como sendo comum. Preocupam-se com a forma como os adultos vão reagir, porque pensam que não vão acreditar neles, ou que vão ser culpados. Pensam também que uma vez que falem com um adulto, o processo estará fora do seu controlo. As crianças e os jovens raramente foram positivos em relação ao RSHE (relações, sexo e educação sanitária) que tinham recebido. Sentiram que era demasiado pouco, demasiado tarde e que o currículo não os estava a equipar com as informações e conselhos de que necessitavam para navegar na realidade das suas vidas. Devido a estas lacunas, disseram-nos que recorreram aos meios de comunicação social ou aos seus pares para se educarem uns aos outros, o que, compreensivelmente, fez com que alguns se sentissem ressentidos. Como disse uma rapariga: "Não deveria ser nossa responsabilidade educar os rapazes".

A investigação em 2017 indicou que 26% dos jovens tinham enviado uma imagem nua a alguém que lhes interessava e 48% tinham recebido uma de outra pessoa. No entanto, dados mais recentes sobre imagens sexuais produzidas por jovens menores de 18 anos indicam que estão cada vez mais a tirar fotografias e vídeos de si próprios para enviar a outros. Isto inclui incidentes em que são preparados por adultos para o fazerem. Dados da Internet Watch Foundation (IWF) mostram um aumento acentuado de imagens de abuso sexual em linha envolvendo jovens, o que atribui parcialmente a um aumento na partilha de conteúdos "gerados automaticamente". Nos primeiros 6 meses de 2020, 44% de todo o conteúdo de abuso sexual infantil tratado pela IWF foi avaliado como contendo imagens ou vídeos gerados automaticamente, em comparação com 29% em 2019.